

a palavra é sua

Domingos Pellegrini

Mestres da paixão

Apresentação e sugestões de atividades: Maria Lúcia de Arruda Aranha



Por que o tema da **palavra**?

Caro professor,

Com a Série *A palavra é sua*, constituída de obras ficcionais, a Editora Moderna pretende favorecer a reflexão a respeito das múltiplas faces da *palavra* em uma época de predominância de imagens, gestos, *performances* e, muitas vezes, de empobrecimento da linguagem verbal.

E por que o tema da palavra? Porque a linguagem humana resulta de uma construção da razão, uma invenção do sujeito para se aproximar da realidade, para se comunicar com os outros, para retornar sobre si mesmo e se reconhecer. Mais ainda, a linguagem é um dos principais instrumentos da invenção do mundo cultural por nos permitir lembrar o passado, projetar o futuro e, dessa maneira, nos tornarmos capazes de transcender nossa experiência vivida.

Por se tratar de um atributo humano fundamental, a palavra é um *elemento constitutivo*, aquilo que faz com que sejamos cada vez mais humanos. A palavra é também a via da construção da identidade:

por meio dela “conversamos” conosco, quando refletimos, e saímos de nós, quando dialogamos.

O interesse pela palavra decorre de suas múltiplas funções cognitivas, comunicativas e valorativas. Ao enfocar a palavra nas expressões da fala e da escrita, chamamos a atenção para os aspectos fundamentais da palavra, ou seja, a sua capacidade de:

- conhecer a realidade, ainda que por perfis e aproximações;
- dialogar, estabelecendo a intersubjetividade da comunicação;
- provocar a ação: o agir humano é sempre intencional, antecedido pela reflexão; e vice-versa: o pensar, por sua vez, se enriquece com o fazer;
- valorar: além de nos humanizar, a palavra possibilita que façamos juízos de valor.

Portanto, pela palavra podemos: contar um acontecimento, levantar hipóteses e examiná-las, planejar um trabalho (ou a própria vida), inventar uma história, representar no teatro, criar ou resolver enigmas, traduzir, cumprimentar, orar, imaginar metáforas, poetar, comandar, implorar, comunicar-se com os

 **Moderna**

outros, escrever, persuadir, ensinar, prometer, orientar a ação, avaliar comportamentos e pessoas e muito mais.

Do mesmo modo, lembramos os usos perversos da palavra, que impedem ou enfraquecem o processo de humanização. Como dizia o filósofo francês Georges Gusdorf, “as palavras possuem um destino, feliz ou infame”, já que elas nos permitem mentir, maldizer, provocar mal-entendidos, dissimular acontecimentos, doutrinar, caçoar, ofender, traír, difamar.

No entanto, não nascemos falando: na raiz latina do termo *infância* encontramos o significado de “aquele que não sabe falar”. Por isso mesmo cabe aos educadores — pais e professores — possibilitarem à criança e ao jovem o encontro fecundo com a palavra no movimento de aprendizagem e do seu necessário aprimoramento. Mesmo porque a pobreza ou a riqueza de vocabulário e o grau de intimidade com as nuances da língua são responsáveis pela indigência do próprio pensamento ou pelo seu requinte.

Neste suplemento o professor encontrará:

- UM POUCO SOBRE O AUTOR
- COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA
- PÚBLICO-ALVO
- SUGESTÕES DE ATIVIDADES
- OUTROS LIVROS DO AUTOR
- OUTRAS SUGESTÕES DE LEITURA
- MÚSICA/FILME

❖ UM POUCO SOBRE O AUTOR

Domingos Pellegrini nasceu em 1949 em Londrina, Paraná, onde reside. Estudou Letras, exerceu o jornalismo e até hoje escreve para o jornal local. Mas sua paixão é a literatura, tendo produzido vasta obra que inclui contos, poesias e romances para adultos e infanto-juvenis. Com seu primeiro livro de contos, *O homem vermelho*, ganhou o Jabuti de 1977, prêmio que voltou a receber em 2001 com o romance *O caso da chácara chão*.

❖ COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Nessa obra, *Mestres da paixão*, o autor faz um relato autobiográfico de sua vida escolar até a profissionalização como escritor. Critica a escola tradicional,

sem compromisso com a vida, mas realça o trabalho daqueles mestres que se envolveram de modo apaixonado no exercício do magistério e que o ajudaram a compreender o mundo e a si mesmo. Afinal, comenta, de que vale decorar palavras ocas se soam falsas diante da realidade? Ainda menino, fisgado pela leitura, reconhecia o valor das palavras. Por exemplo, a primeira professora, que soube usar a palavra que elogia, estimulou sua auto-estima. Outro professor o marcou pela palavra do desafio, espicaçando seu orgulho, e ainda aquela que o aconselhou a cultivar seu dom, ainda indefinido, como provável declamador, ator ou escritor. Havia o bibliotecário que o ajudava a garimpar obras lidas com entusiasmo.

O encontro com essas e tantas outras pessoas, em circunstâncias favoráveis ou adversas, reforçou seu compromisso com as palavras, aquelas que o levariam às notícias, e daí ao jornalismo, além da literatura, que abraçou não só como leitor, mas também como criador. Sua experiência de vida — muitas vezes tumultuada — o convenceu de que a inteligência é insuficiente se não vier acompanhada de sensibilidade, emoção e desejo. De modo que, por amor às palavras, recusou-se a optar “pelas conveniências, pelas vantagens, por carreira ou salários melhores” e escolheu “o caminho do coração”.

❖ PÚBLICO-ALVO

Alunos da 7^a e 8^a séries do Ensino Fundamental e jovens adultos.

❖ SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Como dissemos, a especificidade da Série *A palavra é sua* é realçar a importância da palavra na constituição do sujeito e do mundo cultural. Por isso o enfoque das questões propostas giram em torno desse interesse principal. Nada impede, porém, que seja aproveitada a riqueza do texto também para a análise literária, ao se observar o estilo do autor e as peculiaridades de sua escrita.

Lembramos ainda que não é necessário seguir todas as sugestões apresentadas, selecionando as mais adequadas ao tempo disponível e ao interesse dos alunos. Algumas vezes, elas podem funcionar como inspiração para outras propostas a partir de acontecimentos circunstanciais vividos na comunidade.

1. O título do livro *Mestres da paixão* pode provocar de início um certo estranhamento, sobretudo para aqueles que imaginam ser a razão o processo pelo qual o professor chega ao aluno, já que na visão tradicional de escola o mestre é aquele que estimula a inteligência dos seus discípulos. Pergunte-lhes então o que lhes sugere esse título, cujo enfoque é a paixão. Discuta com eles os vários sentidos da palavra *paixão*, que tanto pode se referir à paixão amorosa — ao que é associada com mais freqüência —, mas também a qualquer sentimento forte, seja ódio, desprezo, ciúme etc.

2. Faça um levantamento com seus alunos para saber se eles se lembram de algum professor que, de uma maneira ou de outra, os tenha impressionado de maneira positiva.

3. Entre muitas de suas funções, a palavra é usada como instrumento de *persuasão*, sobretudo na relação pais e filhos, professores e alunos. No entanto, ela exige cuidado, porque o objetivo do processo educativo é criar seres autônomos e críticos, evitando portanto os apelos da doutrinação, da intimidação e da ameaça. Podemos ainda dizer que, do ponto de vista do aluno, a palavra abre o caminho para o *auto-conhecimento*, para a construção da *identidade*, no movimento pelo qual saímos do egocentrismo, estimulados pelo *diálogo*. Nesse sentido, proponha aos alunos as seguintes reflexões:

a) A professora primária da qual o autor não se lembra o nome, mas que escolheu chamar de Benvinda, tocou-o pela palavra *que elogia*: o que representa, do ponto de vista afetivo, receber um elogio? Por que um elogio é melhor do que uma recriminação? O que o distingue da bajulação? Em seguida, peça que os alunos construam frases em que recriminam alguém por algum serviço malfeito; depois, reescrevam a mesma frase de crítica, mas em tom menos agressivo.

b) Diferentemente, o professor de matemática ameaçou reprová-lo, caso não estudasse: que tipo de palavra mobilizou positivamente o menino Domingos?

c) Na aula de Trabalhos Manuais, Domingos esmurrou o Turco após uma provocação do colega. O professor Mandrake reagiu imediatamente, criticando ambos por terem perdido o respeito mútuo. Recorrendo à palavra que educa, porque faz pensar, o professor o ensinou a relacionar razão e emoção. Peça aos alunos que expliquem o que o autor quis di-

zer com esta frase: "Com o mestre Mandrake aprendi que o barro toma a forma que você quiser, e o coração também".

d) A partir da leitura pessoal do livro, peça que cada aluno identifique outro professor importante para a formação do autor, justificando a resposta.

4. Sobre o professor Ptialina, de Ciências Naturais, diz o autor: "lançava seu anzol, na forma de uma pergunta (e nada mais parecido com um anzol do que uma interrogação, não?)". Peça que os alunos expliquem por que as perguntas são mais estimulantes do que as respostas prontas.

5. "Sexo" é uma palavra. Só uma palavra? Quando o professor de Ciências Naturais a pronuncia, a classe reage de várias maneiras possíveis: malícia, riso, vergonha, curiosidade, espanto, encantamento. Por isso não existem palavras "neutras", todas elas repercutem na nossa sensibilidade, ainda que algumas mais e outras menos. Peça aos alunos que descubram palavras similares que provocam importantes ressonâncias afetivas e expliquem por quê.

6. O professor Isaac, de Educação Física, disse: "Defeitos não são privilégio de ninguém, todos têm, no corpo ou no caráter, na cabeça ou na alma". Desse modo, advertia aqueles que costumavam fazer gracinha com os defeitos alheios. A palavra se presta a isso, quando acentua explicitamente o defeito, ou faz rir pelo inverso do que diz, por exemplo, quando se apelida um careca de Cabelo. Enfim, o filósofo francês Gusdorf disse que "as palavras possuem um destino, feliz ou infame". Tendo em vista a frase de Gusdorf, peça aos alunos que, em grupo, façam a distinção entre os apelidos criativos, que não depreciam pessoas, e aqueles em que a palavra soa como um rótulo que humilha.

7. A experiência que o autor viveu na época da ditadura — e que posteriormente renegou — traz à tona o debate sobre a palavra persuasiva. No entanto, se a persuasão exercida pelos mestres da paixão lhe pareceu positiva, não pensa o mesmo sobre a persuasão de seu colega comunista nem de sua própria persuasão sobre aqueles que desejou influenciar politicamente. Tendo em vista essa divergência, peça aos alunos que atendam às questões:

a) Sugira que, em grupo, discutam o que levou o autor a ver pesos diferentes nesses dois tipos de persuasão.

b) Apesar de o autor desqualificar sua experiência juvenil no ativismo político como um equívoco, discutam se a persuasão política poderia ser realizada de modo mais positivo.

8. Ao relatar o conto de Hemingway, *Dez índios*, o autor dá destaque ao fato de que qualquer texto narrativo — e sobretudo o literário — diz muito mais do que aquilo que está escrito. Ou seja, nesse "ler nas entrelinhas", o leitor pode perceber o que nem o autor suspeita, porque, segundo o escritor francês Marcel Proust, o leitor de seu romance na verdade lê a si próprio. Peça aos alunos que atendam às questões:

a) Em que sentido o que lemos é apenas a ponta de um *iceberg*?

b) Reunidos em grupo, peça que os alunos discutam aspectos que não foram explicitados, mas que estão subentendidos no livro *Mestres da paixão*.

9. O autor revela que, no seu percurso de contestador do sistema político da ditadura, fez algumas pichações. Uma delas foi identificada pelo diretor da faculdade que, em vez do castigo esperado, lhe sugeriu montar um jornal estudantil para expressar suas idéias. Esse episódio levanta o debate sobre a diferença entre o pichador e o grafiteiro: há estudiosos que identificam o fenômeno da pichação — acusada de vandalismo — como um protesto de jovens de segmentos mais pobres em busca de um modo de expressão que a cidade lhes negou. Para evitar o dano ao bem público ou privado, outros grupos incentivam o uso de espaços permitidos, experiência que gerou a arte dos grafiteiros. Peça que os alunos, em grupo, façam uma pesquisa sobre a arte do grafite (ou *graffiti*), como modo de expressão.

10. Um jornal é feito de letras, ou melhor, de palavras, que transmitem fatos e idéias. Mais ainda, um jornal deve transpirar muitas idéias, idéias conflitantes, mas que dialogam entre si. Só as ditaduras exigem unanimidade, imposta pela censura: na democracia, o debate permite que a palavra circule. A propósito, indague se nas casas dos alunos há o hábito de se ler jornal, ouvir noticiário pelo rádio, tevê ou internet. Em caso afirmativo, pergunte que aluno participa dessa experiência e que tipo de notícia gos-

ta de acompanhar. Se quiser continuar nesse tema, solicite que todos leiam algumas notícias no jornal do dia seguinte e relatem para a classe.

11. No uso da palavra, os seres humanos com freqüência recorrem a metáforas. No penúltimo capítulo, o autor usa as figuras míticas de Fênix (ave que morre e renasce das próprias cinzas) e Ícaro (Ícaro e seu pai Dédalo fugiram do cativeiro com asas coladas com cera: desobedecendo ao pai, Ícaro se aproximou demais do sol e a cera derreteu). Peça que os alunos pesquisem esses mitos e interpretem que significado o autor lhes deu, inclusive explicando por que ele modifica o final do mito de Ícaro.

12. Na parte introdutória deste suplemento, dissemos que uma das funções da palavra é provocar a ação, porque o agir humano é sempre intencional, antecedido pela reflexão. E vice-versa, porque o pensar se enriquece com o fazer. Desse modo, a experiência humana necessita da memória, pela qual interpreta o passado, para então projetar o futuro. Nesse livro, o autor nos deu inúmeros exemplos desse processo de humanização pela palavra. Peça que os alunos se reúnham em grupos e identifiquem algumas dessas passagens, para, em seguida, relatá-las para a classe.

13. No último capítulo "Arredondando", o autor fala sobre a importância do diálogo. De fato, essa é uma das funções máximas da palavra, a que permite a intersubjetividade, ou seja, o encontro entre as pessoas, pela troca de idéias. A riqueza do diálogo pode ser confirmada em diversos campos, tais como: na escola, na família, no trabalho, nas relações de amizade, na política. Peça que cada grupo de alunos escolha um dos temas para discutir e fazer um relatório.

14. Peça uma dissertação a partir do trecho extraído do capítulo Fênix e Ícaro: "Sem paixão, ficamos como os homens de Elliot: *Nós somos uns homens ocos / uns homens empalhados / o peito cheio de palha / ai de nós!*".

❖ OUTROS LIVROS DO AUTOR

- *A árvore que dava dinheiro*, *As batalhas do castelo*, *O dia em que choveu cinza*, *A última tropa*, *A festa dos números*, *Água luminosa*.